

26 Tudo — silêncio pálido de esfinge...
E' o nada... A dor do nada que me atinge
Mal sabendo que a vida continua...



ARTUR RAGAZZI *



1
S O N E T O

Era a última hora para a cabeça estática
Que pensava, apesar de tudo.
O corpo anestesiado no suor denso e álgido
Não movia sequer leve ponta do dedo.

Os olhos haviam parado dentro das órbitas,
Mas no imóvel espelho das pupilas
Aumentara a visão com estranha potência,
Sob a ação de outros raios.

26. Observe-se a frequência com que o poeta usa o vocábulo *pálido* e seus cognatos. No soneto "À minha mãe" (*apud Pan.* IV, pág. 117), o último terceto, por exemplo:

"E me atirando uma porção de lírios
Transfigurou-se *pálida* e apiedada
Dos meus soluços e dos meus Martírios..."

Cf., ainda, a 2ª estrofe de "Sóror Mágua" (*apud Op. cit.*, pág. 118). Na 4ª estância desse poema, encontramos isto:

"Como se ajusta bem a *palidez* à fome
E o tédio ao dissabor do espírito de alguém."

Interessante, também, o último terceto de "Sol poente" (*apud Op. cit.*, pág. 119).

(*) Poeta largamente relacionado e estimado nos ambientes literários e sociais de Belo Horizonte. Italiano de nascimento, veio com os pais, ainda menino, para o Brasil, fixando-se em Ouro Preto. Em 1897, inaugurada a nova capital mineira, aí passou a residir até ao fim de sua existência. Foi uma das principais expressões do alto comércio de Belo Horizonte e elemento de valor nos círculos literários que nessa cidade

9 Teto, paredes, portas desapareceram como por encanto
E comecei a ver, pela gaze das lágrimas,
Antigas afeições que imaginava mortas...

Velhos amigos meus vinham, prestos, do Além, a enxugarem-me
[o pranto.

Encontrara o outro mundo! E quis gritar, eufórico,
14 Mas a garganta seca era apenas silêncio.

2

AO VIAJOR DA VIDA

Foge à ilusão da forma que te ilude
Entre sombras e lápides terrenas.

17 Surpreenderás, na carne, sonho apenas
De infância, mocidade e senectude...

se formaram à sombra de Alphonsus de Guimaraens e de Mendes de Oliveira. «Poeta de largos recursos,» — di-lo a **Folha de Minas**, em 5 de Novembro de 1948 — «era também Artur Ragazzi uma alma pura e sensível a todas as manifestações do calor humano.» Em vários jornais e revistas mineiros e cariocas saíram estampadas as suas produções líricas, «onde rescedem impulsos sinceros de uma inspiração privilegiada, a par de notável poder de expressão verbal». (Veneza, Itália, 31 de Julho de 1879 — Belo Horizonte, Minas Gerais, 4 de Novembro de 1948.)

BIBLIOGRAFIA: Cavaleiro Andante; Coivara Acesa; algumas inéditas.

9. Observe-se a enumeração.

14. Neste soneto assaz original, em que se associam versos alexandrinos, hexassílabos e hipérmetros de grande beleza, o poeta descreve-nos o momento final da vida na carne, quando no "móvel espelho das pupilas" já não mais vislumbrava as paredes, o teto, as portas, mas apenas os seus velhos amigos desencarnados.

17. Leia-se *sur-preen-de-rás*, com sinérese.

Ri-se o berço... Depois, a juventude
E' ligeira estação de horas serenas...
Depois, ainda, as lágrimas e as penas
Da velhice a chorar o inverno rude...

Que a aspereza da estrada pouco importe...
Segue, de coração piedoso e forte,
Plantando o amor na Terra vasta e rica!

Marca a esparzir o bem de escala a escala!
O bem — o dom de paz que te assinala;
Sòmente o bem é a luz de amor que fica.

